

ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA

Kelton Gabriel

Mestrando em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR
Av. Francisco H dos Santos, s/n - CEP 81531.990 - Cx. Postal 19001 - Curitiba (PR), Brasil Tel./ Fax: (+55
41) 3361 3450 / 3361 3244 - kelton.gabriel@gmail.com

RESENHA DE: BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. (coleção Baderna) São Paulo: Conrad, 2001, 88 p.

Hakim Bey é uma figura enigmática, não podemos nem mesmo afirmar que exista apenas um Hakim Bey no mundo, alguns dizem que é pseudônimo do também enigmático Peter Lamborn Wilson, no entanto pode ser ele (Hakim Bey) também um nome coletivo assim como Luther Blissett e Vitoriamario, no entanto ele publicou um livro intitulado TAZ (Temporary Autonomous Zone), publicado no Brasil pela Conrad em 2001, e é sobre este livro que a presente resenha crítica se empenha.

O conceito da TAZ foi tão bem interpretativo na nossa atual época que serve de modelo explicativo para uma ampla gama de fenômenos geográficos.

O livro de Bey se apresenta em oito capítulos e cinco apêndices curtos que não serão aqui trabalhados. Onde podemos entender da seguinte maneira: No começo do livro ele explica sobre uma primitiva “rede de informações” de piratas do séc XVIII. Essa rede era formada por remotas ilhas e esconderijos dentro de cavernas onde os navios eram abastecidos e trocavam-se alimentos por objetos roubados com moradores totalmente isoladas, que ele chamou de “mini-sociedades”. Como não conseguiu fontes secundárias sobre essas sociedades Bey se aprofundou e construiu sua própria teoria sobre tais comunidades, que ele chamou de “Utopias Piratas”.

Esse sistema primitivo não poderia expressar melhor a atual condição de algumas comunidades virtuais, que se alimentam de modo isolado da realidade predominante capitalista. E ele cita o cyberpunk Bruce Sterling que acredita que em um futuro próximo com a decadência dos sistemas políticos e capitalistas o mundo viverá de modo similar a esses primitivos povos isolados se alimentando de informações em base de troca pela internet, ou o que justifica o título do livro citado “Ilhas na Rede”.

Hakim Bey cita o exemplo de mais um grupo os Assassins (que significa usuários de Haxixe), onde estes fundaram uma rede de remotos castelos separados por centenas de quilômetros completamente isolados de qualquer tipo de influência além dos agentes secretos que conectavam os pontos dessa rede usando cavalos e levando informações. Bey declara que no futuro o mundo poderá ser repleto de ilhas piratas como está, e chama elas de “Zonas Autônomas” livres de qualquer controle político, porém acredita que hoje o conceito é apenas uma ficção científica, pois jamais poderíamos ser pessoas a habitarem uma terra completamente livre e autônoma. E, no entretanto, declara que é possível hoje mesmo sermos livres e utilizarmos o que ele chama de TAZ, porém diz que não irá definir o que exatamente significa TAZ porém saberemos o que é de modo intuitivo pois ela se revela quando estamos em ação.

Na outra parte do livro começam a se revelar aspectos que Hakim Bey não é apenas um, mas sim um grupo, pois a linguagem e o modo de expressão das idéias muda de modo radical. Independente deste fato continuaremos a pensar que Hakim Bey exista, pois pessoas podem mudar e seria má-fé se não se aceitasse uma pessoa poder escolher como queira se chamar, mesmo podendo ser um texto subversivo ele tem seu conteúdo extremamente interessante para a Geografia.

No adentrar nessa parte do livro é indicado o modo como uma TAZ pode sobreviver perante a política atual, pois ela consegue se esconder, sumir e aparecer em outro lugar, pois a essência dessa organização é desconhecida o que torna a TAZ um fenômeno “místico” porém agente espa-

cial. Exemplos clássicos em nossos dias são as chamadas empresas fantasmas, que atuam mas não existem, as redes invisíveis do tráfico de drogas e armas, os grupos de contracultura, e os lugares que uma pessoa vive seu dia, todos esses processos são TAZ's invisíveis ao controle do Estado, assim como o Estado possui muitas TAZ's invisíveis ao cidadão.

Assim, seguindo o capítulo, hoje podemos entender que na web temos a maior gama de existência desses fenômenos espaciais, pois pode-se encontrar verdadeiras comunidades agindo em um determinado espaço de informações em um determinado tempo e depois todos somem, como nos tradicionais fóruns, ou páginas coletivas de exposição de informações.

Esse processo nos remete ao que Bey chama de “A Psicotopologia da Vida Cotidiana”, onde aponta que o último pedaço de terra que foi apropriado e perdeu sua natureza de liberdade ocorreu em 1899, depois disso todos as terras do mundo estão sob o nacionalismo e a cobrança de impostos, nenhum pedaço de rocha escapa do controle geral dos Estados.

Nesse ponto ele relata algo interessante, que há muito cogitava, que existia uma Geografia não-européia, pois a Ilha da Tartaruga era o nome dado pelos indígenas ao que chamam hoje Estados Unidos. A Geografia – como ciência – deve sua origem a Europa, especificamente a Alemanha e a França, porém temos que lembrar que a terra antes disso já era coberta por um conhecimento geográfico de povos primitivos, e que pode-se imaginar como eram transmitidos os conhecimentos geográficos dentro de instituições de ensino milenares como os templos budistas do oriente, e assim como, a geografia praticada pelos Incas e Maias, ou os povos africanos, os aborígenes Australianos e as nações indígenas do Brasil.

Hakim Bey relata que imensidões de terras escapam ao detalhe dos mapas, e que jamais poderemos conceber a precisão de um mapa 1:1. Nesses espaços não controlados ele diz que a TAZ funciona, pois não há mapas abertos para evitar uma existência de alguma coisa espacial e organizada nesse lugar. Nesse momento da obra Hakim Bey funda o termo psicotopologia (psicotopografia), que outros chamariam de psicogeografia, que seria uma “ciência alternativa” àquela ciência estatal criadora de mapas. Argumenta que apenas essa ciência tem a possibilidade de criar mapas 1:1, o que é justificado na idéia de que apenas a mente humana é capaz de modelar a realidade em uma representação perfeita. No entanto ele admite que um mapa 1:1 não pode controlar seu território pois é idêntico ao que representa, sendo que esse mapa poderia apenas ser um guia para se buscar espaços – sejam eles geográficos, sociais, culturais, imaginários – para se fundar zonas autônomas em brechas deixadas pelos cartógrafos do Estado. Para nós geógrafos todos os espaços são geográficos.

Bey diz que a família nuclear (mãe, pai e filhos) é uma invenção recente e agrícola, e que deve ser substituída pela vivência em bandos similares aos caçadores e coletores, com aproximadamente 50 pessoas. Diz que a família nuclear é fechada e hierárquica com o pai dominando a mãe e os filhos, já dentro do bando as pessoas são abertas e seus laços são o sentimentalismo humano. E relata que aos poucos a sociedade atual está voltando ao primitivismo do bando e os mais jovens estão cada vez mais tomando essa consciência de poligamia do que o fechamento em uma família nuclear, o que seria um reflexo do fracasso futuro do sistema capitalista, sendo que grande parte da produção capitalista gira entorno da família nuclear e seu sustento.

Em trechos Bey explica que as festas entre grupos são zonas autônomas, pois apresentam sempre um não planejamento e as coisas acontecem de modo completamente espontâneo, e desaparecem do espaço geográfico no mesmo momento que o último decide que já terminou a festa. Isso significa uma manifestação espacial temporária, um evento que geograficamente só poderia ser entendido sob o conceito de zona temporal. E explica que a festa poderia ser chamada de a “união dos únicos”.

Nota-se no decorrer do livro o surgimento do termo “nomadismo psíquico”, que é o mesmo conceito estudado por Guattari e Deleuze denominado “cosmopolitismo desenraizado” no Tratado de Nomadologia no volume 5 de Mil Platôs. Esse desenraizamento é justamente o que se referimos acima sobre sair do contexto espacial e histórico. Com a “morte de Deus”, de Nietzsche, Bey explica que passou-se a uma descentralização do modelo Europeu de mundo para outras possibilidades

capaz de considerar a visão de um inseto dourado como uma nova possibilidade existencial nem melhor nem pior porém “inteiramente diversa”.

Hakim Bey comenta sobre uma casta de desenraizados, como ciganos, intelectuais e artistas, sem-tetos, turistas, cibernaútas, trabalhadores imigrantes e todos os moradores de trailers como integrantes dessa portabilidade de produzir TAZ. Ele firma que o “nomadismo psíquico” engloba todos os atuais moradores do planeta quando estes alteram suas rotinas, suas tarefas e tentam se adaptar aos próprios desejos e liberdades do momento. Diz que esse conceito é uma tática empregada por nômades acamados com “tendas negras sob as estrelas do deserto”, pessoas que vivem sendo um modelo a ser seguido para todos os que anseiam a liberdade total.

Levando essas concepções para a Internet e a Web Hakim Bey explica que dentro da net, que ele define como uma totalidade de fluxos informacionais restritos e abertos, surgiu uma espécie de “contra-net” ou como ele propõe que se chame web, que ele define como o lado aberto para os fluxos de informações. E, afirma que esses termos “não foram criados para definir áreas, mas para sugerir tendências” (BEY, 2001, p. 32).

Este livro que analisamos foi escrito nos anos 80, por isso há muitas idéias dentro da net, que já se realizaram, como por exemplo a internet. Porém como uma exposição visionária Hakim Bey expressou nos anos 80 o que hoje vivemos e ainda há possibilidades futuras de mais revelações. Ele entende que a TAZ exista temporariamente dentro da web e ao mesmo tempo de modo real no mundo.

Bey trabalha muito mais com tendências do que com definições, e afirma que em futuras tribos ou bandos pós-modernos poderão, ou já podem, viver presságios e outras maneiras intuitivas de existência dentro da web. O que nos indica uma espécie de apropriação primitiva dos meios tecnológicos, uma união entre o espírito puro e natural nas entranhas da mais alta tecnologia. Um movimento desse gênero é o MSST (Movimento dos Sem Satélite), que foi encontrado em pesquisa pela internet, que tem a expressão de uma autonomia cibernética sem centralização alguma.

Por acreditar que o fluxo de informações dentro da web e da contra-net seja livre e sem o controle da net oficial, Bey afirma que a Teoria do Caos explica justamente um mundo sem nenhum controle universal e sim pequenas organizações libertas. Esse reflexo é muito real em nossos dias, como por exemplo os sistemas operacionais livres, como o Linux, e centenas de programas de computador desenvolvidos por grupos libertos e doados ao uso de todos, o que prejudicou a soberania de empresas como a Microsoft, podendo prejudicar muitas outras empresas com a troca de informações e o saber-fazer gratuito. Hoje é possível entender o funcionamento e a montagem de uma ampla gama de tecnologias, produtos alimentícios, de higiene e manutenção do sistema biológico de modo gratuito.

Bey vê que os atuais piratas da informação (Hacker) são os habitantes dessas zonas autônomas dentro da web, o que os fazem segundo a personalidade de cada um deles serem benéficos aos usuários disponibilizando conteúdos informacionais de modo gratuito ou maléficos com perspectivas capitalistas de acesso a contas bancárias e grandes roubos informacionais criando um verdadeiro mercado negro de patentes.

Na busca de gerar a concretização de um “arquetipo” da TAZ Bey declara que a alquimia influenciou muito a formação do Novo Mundo. Cita a ilha de Roanoke na costa do estado Carolina do Norte dos Estados Unidos onde um primeiro grupo de imigrantes ingleses se fixou entre 1585 a 1587. A história estatal explica que esses colonos sumiram e deixaram apenas uma mensagem escrita “fomos para Croata”, a interpretação do Estado Inglês foi que os colonos foram trucidados pelos índios, porém na verdade Croata não era um lugar no além e sim um grupo de índios com olhos cinzas que ainda existem em uma região pantanosa entre os dois atuais estado americanos Virgínia e Carolina do Norte. Os colonos mudaram do litoral para morarem junto com esses índios, segundo Bey optaram pelo estilo de vida liberto dos índios aos regimes totalitários dos intelectuais ingleses.

Esse exemplo Bey confirmar ser uma “proto-TAZ” bem sucedida no Novo Mundo, a primeira de muitas a fugirem do domínio estatal e ansiarem a liberdade informacional e existencial. Segundo Hakim Bey esses colonos se juntaram com os índios e aceitaram espanhóis e negros formando um grupo anti-estatal que mais tarde seriam grandes piratas e pessoas “ilegais”.

Hakim Bey enfatiza que uma TAZ é o berço de fuga existencial e está desde os primórdios grafada no espírito humano. Cita o exemplo de várias comunidades isoladas do poder estatal, e pode-se perceber que o anonimato é um meio de agir e fugir do controle estatal, por essa razão percebe-se a opção de usar nomes coletivos (como talvez o Hakim Bey e o famoso na Itália Luther Blissett) para agir no mundo e não ser pego pelo controle do Estado.

Essa natureza e concepção da TAZ revela-se claramente que a ZPC também é um modo de anonimato, onde as pessoas se escondem em seus afazeres para fugir da repressão da sociedade e do Estado. Bey enfatiza que sempre quando um americano quer abandonar sua vida cotidiana ele vira um índio e se fixa na natureza.

A festa como já se pôde notar é a base de uma organização espacial temporária, e a música é a quebra de qualquer controle estatal. Segundo Bey essas são as regras para se estabelecer uma TAZ, e cita na história muitos casos de anarquistas em períodos de guerra, onde optaram em viver ao invés de planejar algum plano de fuga ou de sobrevivência eliminando qualquer possibilidade de lutar para ou contra o Estado.

Hakim Bey chama de “A Ânsia de Poder como Desaparecimento” a condição humana em tendência e nesse momento talvez consigamos perceber uma faceta da TAZ de fundamental importância para a Geografia, a TAZ como uma “tática de desaparecimento”.

Em histórias de quadrinhos pode-se perceber o quando é poderoso aquele mutante que consegue desaparecer e surgir em outro lugar. Essa idéia é real dentro do espaço geográfico, podendo não ser para uma física naturalista. Hakim Bey diz que não precisa-se lutar contra àqueles que “herdaram todas as chaves de todos os arsenais e prisões”(BEY, 2001, p. 63), porque eles perderam o sentido do mundo e apenas fazem uma simulação.

O desaparecimento no espaço geográfico pode ser registrado nos circos, que ficam uma semana e desaparecem, nas barracas de vendas, nos parques de diversão ou nas apresentações culturais. Isso ocorre em todos os espaços geográficos: na imaginação, no ciberespaço, na política e espaços de poder.

Hakim Bey propõe que um desaparecimento seria um poder, e para isso necessita-se “recusas” do mundo estatal, uma emergência de uma TAZ para que ali se viva de modo escondido e livre. Nesse sentido a TAZ seria uma ZPC liberta do controle do Estado, onde as trocas substituiriam o dinheiro e as “promessas” seriam as identidades.

Agora pode-se perceber que existe uma ampla gama de perspectivas de existência de grupos humanos que vivem de modo similar, e que ao invés de simularem e representarem um poder eles de fato o são, em pura liberdade, ou são marginalizados por falha do Estado em incluir tudo e todos ou são voluntariamente.

Nisso Bey aponta 3 passos dentro do caminho para se viver uma TAZ, 1º Liberação Psicológica, onde deve-se aprender quais são os mecanismos de opressão, e de auto-opressão e definir as fantasias criadas pelos outros que servem de opressão. 2º A contra-net deve se expandir. Nessa época era uma questão fundamental para uma TAZ, porém hoje já pode-se perceber que a contra-net está expandida. 3º Ânsia de Poder. Bey afirma que o Estado deve continuar a perder sua regulamentação pelo desaparecimento daqueles que ele controla, e que o fim do poder estatal deve ser um desaparecimento dos dominados. Pode-se entender a política da não-violência de Gandhi como um exemplo desse desaparecimento, porém dentro dessa TAZ os ataques existem e desaparecem. Esse fenômeno é muito comum para o estudo da Geografia atualmente, e deve-se entender justamente o funcionamento interno desse mecanismo para aprimorarmos nossos estudos em objetos pós-modernos.

Portanto ficou claro que a obra de Hakim Bey foi produzida por um grupo de pessoas ligadas a contracultura, e que se transmitem idéias de anarquias e superação do Estado. Nosso papel não é aceitar ou negar nenhuma atitude política, o importante para a Geografia é que esse grupo revelou como funciona um sistema que atualmente existe na realidade que denominamos de Zona Temporal para o uso na Geografia. Como podemos entender melhor na figura abaixo:



Figura 1 - Esquema Mental dos Conceitos

Pode-se perceber que os quadrados se encaixam dentro na malha geográfica de identidades espaciais com suas dimensões reconhecidas pelo sistema de representação espacial formal, assim como os sujeitos se enquadram nesse lugar e fundam territórios, que são instituições persistentes no espaço e no tempo. Por outro lado os sujeitos que fundamentam zonas temporárias não apresentam coerência de lugar e identidade naquele espaço, que passa a ser um espaço hospedeiro e temporário e com suas ações as zonas temporárias de manifestam sem persistência no tempo e no espaço. A zona é mais ligada ao tempo, enquanto o território é mais ligado ao espaço.

Com esse entendimento podemos estudar fenômenos urbanos atuais, que em sua grande maioria são obscuros para os olhos do cidadão comum, pois se alguma coisa se revelar no espaço pode-se aparentar um certo envolvimento criminal, porém a ciência trabalha em prol do entendimento da realidade e o uso de cada conhecimento cabe ao cientista decidir o que fará ou não com ele. O importante é entendermos como funcionam essas organizações não-oficiais e supra-oficiais, como elas agem e sobrevivem. A TAZ revela para o geógrafo uma ferramenta metodológica fundamental, da qual não pode-se ignorar por posições moralistas, porque elas existem. A TAZ é usada desde grupos anarquistas e facções criminais, até por autoridades de organizações multi-nacionais e pessoas do poder estatal. A TAZ é o espaço geográfico mais utilizado em nossos dias, porque é um espaço: tático, liberto, temporário e incapturável. Quase todas as pessoas criam TAZ na internet todos os dias, assim como em suas mudanças de planos para suprir necessidades diárias e tudo isso de modo espontâneo, porém tático.

Trabalho enviado em novembro de 2010
Trabalho aceito em dezembro de 2010